

Resenhas

o anjo anarquista

lily litvak

Joaquín Leguina e Rubén Buren. *Os salvaré la vida*. Barcelona, Espasa, 2017, 349pp.

Esta obra¹ é uma versão romanceada da vida do herói anarquista Melchor Rodríguez (Sevilha, 30 de maio de 1893–Madri, 14 de fevereiro de 1972), chamado de O Anjo Vermelho, que durante a Guerra Civil salvou a vida de milhares de pessoas de diferentes ideologias políticas. Uma frase do Anjo Vermelho: “pode-se morrer pelas ideias, mas nunca matar por elas”, resume sua moral e o valor dado pelo anarquismo a todo ser humano.

Melchor Rodríguez foi nomeado conselheiro delegado das prisões de Madri em 1936 pelo Ministro da Justiça do governo republicano, o anarquista García Oliver. Nesse posto conseguiu impedir os linchamentos e execuções de presos perpetrados por diversas militâncias políticas. Acabou com tais “saques”, organizando escoltas que protegessem o traslado de presos desde o Cárcere Modelo de Madri até os cárceres de Alcalá de Henares e de Alicante, evitando assim que muitos fossem fuzilados

Lily Litvak é Professora Emérita pela University of Texas e membro correspondente da Real Academia de Bellas Artes y Nobles Letras de Córdoba, Espanha. Contato: yasha@austin.utexas.edu.

no meio do caminho entre Paracuellos del Jarama ou Torrejón de Ardoz. Arriscando a própria vida enfrentou os chefetes de diversos grupos militantes e, para impedir os assassinatos de presos suspeitos de colaborar com o bando nacionalista, proibiu que fossem retirados à noite sem sua autorização, acabando com os chamados “passeios noturnos”. Uma de suas primeiras ações foi assinar salvo-condutos para evitar os abusos resultantes do assalto ao quartel de La Montaña. Conseguiu com frequência documentos e passaportes a perseguidos políticos e a famílias ameaçadas de morte. Em 6 de dezembro de 1936 lutou contra uma multidão que pretendia fazer justiça com as próprias mãos no cárcere de Alcalá de Henares. Assim conseguiu salvar os 1500 presos ali reclusos, entre os quais vários falangistas que ocupariam postos no governo de Franco, como Muñoz Grandes, Raimundo Fernández Cuesta, Martín Artajo e Peña Boeuf. Foi o último prefeito de Madri nomeado pela República, e, em 28 de março de 1939, encarregou-se de entregar o poder aos franquistas. Sua filha Amapola recorda que o pai chegou em casa chorando por ter perdido a guerra.

Durante o franquismo Melchor foi condenado a vinte anos e um dia de prisão por sua atuação na administração republicana e por suas atividades anarquistas. Foi libertado antes de se cumprir o prazo, graças a assinaturas de mais de 2.000 pessoas que lhe deviam a vida. Entre os testemunhos a seu favor estava o de Agustín Muñoz Grandes, general do Exército Espanhol e ex-Secretário-Geral da Falange Espanhola e das Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista da Espanha, que, em entrevista aos autores do livro comentou que o Anjo Vermelho, pondo-se a si mesmo em perigo, salvou-lhe a vida na prisão. Durante

o resto de sua vida, Melchor continuou com o ativismo e a propaganda dos ideais ácratas e participou ativamente na CNT clandestina. Morreu em 1972, e em seu enterro reuniu-se gente de todas as ideologias. Cantou-se o hino anarquista “Às Barricadas”.

O romance responde à necessidade que se sente hoje em dia de conhecer a experiência vivida durante a Guerra Civil. Está dividido em três partes, a primeira começa em março de 1939, quando a guerra estava a ponto de terminar. Situa o leitor no Palácio de Viana, na Rua do Duque de Rivas em Madri, que Melchor havia tomado e convertido em refúgio para seus colaboradores e várias pessoas de diversas tendências políticas. Esta parte tem um marco cronológico definido. O fundo é formado por acontecimentos que vão, desde o dia 23 de fevereiro, uma quinta-feira, quando o Comitê Central do Partido Comunista Espanhol (PCE) conclamou à resistência total e também o que aconteceu depois, na terça-feira, dia 28: com a demissão de Azaña como Presidente da República e o reconhecimento do governo franquista pela França e Inglaterra, até dias depois, no domingo, dia 5 de março, quando ocorreram a sublevação de Segismundo Casado e a luta subsequente entre os partidários do governo e os comunistas contra as forças de Casado.

A ação do romance começa no dia 9 de março, quinta-feira, , quando o IV Corpo do Exército, comandado pelo anarquista Cipriano Mera chegou a Madri. Do albergue se ouviam os tiros e explosões da rua e pela rádio, Besteiro anunciava a “decapitação” da República pela ausência e renúncia de Negrín e animava as representações de esquerda, incluindo o movimento libertário, a ajudar o exército republicano. Sabe-se o que ocorreu nos dias

seguintes: no domingo, dia 12 de março, o final da luta em Madri; na terça-feira, dia 14, o discurso de Casado buscando uma paz honrosa para todos os combatentes; no domingo, dia 19, a resposta terminal do quartel-general de Franco exigindo a rendição incondicional; no domingo, dia 26 de março, o colapso das forças republicanas e na terça-feira, dia 28, com Melchor Rodríguez sendo o último prefeito, a tomada de Madripelas forças nacionais; na quinta-feira, dia 31, a queda de Cartagena, última cidade republicana, e no sábado, 1º de abril, o fim da guerra e a vitória dos nacionalistas.

O fio contínuo da narrativa e a emoção do suspense permitem ao leitor seguir os acontecimentos históricos por meio dos refugiados do Palácio de Viana. Estes formam um grupo muito variado: anarquistas, falangistas, um padre, uma senhora da nobreza madrilena, asilados temporários e vários milicianos armados com mosquetes e distintivos da CNT-FAI. Prevalencia ali uma sensação de ameaça, pois o Palácio era já conhecido na rua como centro anarquista e podia ser alvo dos comunistas. Reinava a ansiedade devido à violência como parte da vida e da morte nas ruas e a isso se agregava a precariedade do alojamento no qual não havia aquecimento, e faltava comida. Não obstante, percebe-se ali uma estranha ordem, alguns milicianos se encarregavam de proteger o local e, apesar de suas diferenças, todos compunham uma espécie de comunidade emocional nascida da convivência cotidiana e de certa forma o refúgio é um poderoso sinal de paz.

Sem apresentação prévia, vão aparecendo os personagens. O primeiro é Amapola, a filha de Melchor, uma jovem de dezessete anos, amedrontada, mas com uma

metralhadora nas mãos e disposta a impedir a entrada dos comunistas no refúgio. Batista, que havia sido funcionário do Cárcere Modelo, agora era protegido por Melchor. Juliana, a avozinha, uma mulher com um tampão de couro negro no olho esquerdo, refugiara-se no palácio com seu marido, Juan. Seguia a batalha travada nas ruas sempre atenta e às vezes perplexa, perguntando-se quem “eram os nossos nessa guerra fratricida”. Josito, um miliciano que vigiava o Palácio, Juana, uma jovem comunista, que é a porta-voz da versão comunista do levante. Havia sido salva por Melchor, “aquele samaritano alto e forte que a havia quase carregado nos braços arrastando-a por meia Madri para pô-la a salvo naquela casa de ricos.” Conheceu-se a Pepe, *El Joririto*, simpatizante dos republicanos, irmão de Ramón, o chofer. Em seu fuzilamento falhado havia sido ferido na cabeça por uma bala e ficou com a mente de uma criança. Os disparos o deixavam muito nervoso, contava os botões da camisa ou, para se distrair, retirava uns botões cromados tentando organizar os alinhamentos do Athletic de Bilbao ou do Barcelona.

Muitas vezes os personagens ficam caracterizados por seus pensamentos ou pequenos atos ou gestos. Por exemplo, o Padre, um sacerdote peruano a quem Melchor salvara da violência das ruas. Secava o suor com um lenço branco que trouxera do Peru e que sua mãe, mucama, bordara. Ele recordava-se dela em sua casa peruana sentada em uma cadeirinha de palha, costurando perto da janela. La Señora Tita, uma modista cubana, havia sido detida e violada numa “checa”. Antes, nos bons tempos, ela “muy chic” fumava cigarrilhas francesas, colocadas numa longa piteira negra. Proveniente de uma camada social totalmente diferente é Inmaculada, Condessa de

Quinatana, amante de Melchor, uma formosa mulher de “muito nome e poucos recursos”. Era casada com Antonio Gomez de Haro, que havia feito sua carreira militar na cavalaria e tinha firmes laços com as forças armadas. A confusão da guerra separou a família, e Inmaculada e sua criada Remédios refugiaram-se no Palácio de Viana. Um dos personagens mais interessantes é Ramón, o chofer de Melchor, pois por meio dele se pode constatar como nesta densa trama associativa, a unidade de sentimento era mais forte que as diferenças partidárias. Ramón envolvera-se na falange e chegou a ser chefe em sua aldeia, Colmenar Viejo. Os militantes da FAI haviam atirado em seus irmãos e os deixaram feridos numa vala.

Melchor nunca soube que eram falangistas e os recolheu. Ramón tinha jurado que nunca o trairia e converteu-se em seu chofer. Desde então arriscaram juntos a vida muitas vezes e, embora suas ideologias fossem distintas, a ambos repugnava os assassinatos políticos que se sucediam na retaguarda republicana.

Outro importante personagem é Francisca Munõz, Paca, a mulher de Melchor e mãe de Amapola. Passa brevemente pelo refúgio, pois terminou separando-se do marido, mas é um elo para se conhecer a vida do casal no bairro operário de Lavapiés. Paca era dançarina, havia atuado ao lado da Pastora Imperio, uma das figuras mais representativas do flamenco. Quando o casal se instalou em Madri, ela se tornou amiga de La Niña de los Peines, a famosa cantora que estreara aos onze anos no Café del Brillante e tinha posado para Zuloaga e Júlio Romero de Torres. Paca introduziu Melchor nas tertúlias dos cafés frequentados por intelectuais e artistas amantes do

flamenco, entre eles Manuel e Antonio Machado, Azorín, Benavente, Júlio Romero de Torres.

Os protagonistas passam pela narrativa de forma simples e verossímil, e permitem sentir o transcurso da luta. Cada um tem sua própria história e suas conversas, mesmo as mais triviais, com palavras e frases que estabelecem sua proveniência, seus temores e transtornos emocionais, suas mudanças de conduta causadas pela guerra, formam um corpo testemunhal que permite que o leitor acredite que o romance é uma história baseada na realidade e sinta que participa dela.

Por sua vez, os personagens formam uma espécie de narrador múltiplo, pois cada um deles nos dá a conhecer uma perspectiva ideológica diferente. Por exemplo, Amapola detestava os comunistas que apoiavam o governo de Negrín, dizia que eram mais malvados do que os fascistas. Sabia que seu pai e os da CNT nunca confiaram neles desde que Ángel Pestaña e Fernando de los Rios revelaram os crimes à liberdade no suposto “paraíso comunista”. Ao contrário, Juana, a jovem comunista, pensava que “os anarquistas eram o pior da República”, que por causa deles se havia perdido tudo. Acreditava que as coletivizações ácratas não tinham futuro e que era melhor obedecer ao comando único do Partido.

Melchor domina toda a obra. Surge como um homem do povo, idealista, bondoso, um herói moderno que não hesita em denunciar a injustiça e os abusos. Fala sempre contra a violência, contra o Estado e suas repressões e acredita firmemente na reforma social e moral pelo anarquismo e em uma de suas virtudes capitais: a solidariedade. Suas ideias e sua forma de vida ficam sintetizadas em sua

famosa frase: “Pode-se morrer pelas ideias, mas nunca matar por elas”. Com seus colaboradores, do grupo “Os Libertos” costumava percorrer os centros de detenção e salvou a vida de muitos presos encarcerados por sua ideologia ou posição econômica abastada. Atuava muitas vezes com Caledônio, do referido grupo e seu melhor amigo, “anarquista convicto como ele, da velha escola”. Ambos conversavam sobre o futuro das ideias libertárias. Na realidade, nunca tinham gostado da República, pois não esqueciam fatos como o massacre de Casas Viejas, mas agora era preciso defendê-la porque “os outros” eram muito piores.

Dá-se amplo espaço, no romance, às discussões entre anarquistas, destacando seu sério conteúdo moral, voltadas à defesa da justiça e a favor da gente despossuída e marginalizada. Melchor acreditava firmemente que uma revolução social anarcossindicalista poderia libertar a humanidade dos preconceitos morais e políticos e da desigualdade econômica e social. Os velhos anarquistas consideravam-no íntegro, embora discordassem de que ele tivesse salvado tanta gente da direita. Ele tinha passado tanto tempo preso e por tantas vezes, que quando precisou encarregar-se dos presos o fez com grande respeito à vida.

O final da primeira parte apresenta “o pior dia da vida de Melchor”, quando, como prefeito de Madri, teve que entregar a cidade aos generais franquistas. Apesar da tristeza, dirigiu-se ao povo, falou do sofrimento das pessoas, da morte, da guerra, do inimigo que entraria na cidade e despediu-se com as seguintes frases: “Madrienhos, façamos frente à adversidade com sensatez e discernimento! Vivamos em paz, cicatrizemos nossas

feridas e afastemos esta guerra que nunca deveria ter começado!”

A segunda parte do romance, “Pelo caminho da rebeldia”, completa o retrato de Melchor. Seu pai, de origem galega, casara-se e se estabelecera em Sevilha, trabalhando como maquinista. O menino cresceu no bairro de Triana e ficou órfão de pai muito pequeno e sua mãe, costureira e vendedora de cigarros, acossada pela pobreza, precisou deixá-lo num orfanato. Ao sair, ainda criança, trabalhou como aprendiz de caldeireiro.²

Desde a adolescência sonhava em ser toureiro e percorreu diversas feiras tentando consegui-lo.³

Uma briga de taberna provocou sua prisão, a primeira de muitas outras ao longo de sua vida, esteve preso por mais de 30 vezes. Na cadeia compartilhou a cela com Pedro Vallina, um médico anarquista que lhe revelou seu novo caminho.

O que é o anarquismo?, perguntava, e Vallina lhe respondia: “é como um Norte, um farol a seguir na escuridão”. Ensinava-lhe que era a esperança num mundo melhor, em que não haveria patrões nem escravos e no qual o que cada um produz chega a todo o povo.” Assegurava-lhe que, nós, os anarquistas “cremos nas pessoas e não no poder. Cremos na possibilidade de fazer algo bom todos juntos, sem reis, sem guerras, sem Estados, sem propriedade. Uma conspiração das boas pessoas”.

Quando Melchor saiu do cárcere, o anarquismo havia se enraizado na Espanha, propagado pelo enviado de Bakunin, Fanelli, inspirador de Anselmo Lorenzo. Assim como nas fábricas da Catalunha, o campo andaluz era

uma região fértil para essas ideias. A CNT, Confederação Nacional do Trabalho, constituindo-se em 1910, propagou na Espanha o anarquismo revolucionário e antipolítico, de caráter comunitário e solidário, baseado nas ideias de Bakunin e Kropotkin. No final de 1923, Melchor já vivia em Madri, quando foi preso no Cárcere Modelo daquela cidade, ao qual voltou muitas vezes, detido por seu ativismo “redentor e revolucionário”. Nas eleições municipais de 12 de abril de 1931, votou nos republicanos e foi à *Puerta del Sol* para unir-se à alegria popular.

O romance explica o fracasso da República: as expectativas foram tantas que era difícil cumprí-las. A CNT havia florescido nesses meses, mas os enfrentamentos com o governo provisório republicano logo chegaram. Os atos mais violentos aconteceram no campo, em Corral de Almaguer, em Castilblanco e, em 11 de janeiro de 1933, em Casas Viejas, localidade de Cádiz, de dois mil habitantes, dos quais a quarta parte eram “braseros”⁴ sem terra. A greve geral, declarada em 1 de junho de 1936, havia levado à prisão Melchor e outros líderes anarquistas, entre os quais David Antona, Teodoro Mora, Cipriano Mera, Mauro Bajatierra e Eduardo Val. Libertados em 16 de junho, foram pedir a liberdade de todos os presos. Em 20 de julho de 1936, Melchor e seu amigo Eduardo de Guzmán, periodista e anarquista, diretor de *La Tierra*, escritor de romances policiais e de artigos sobre touradas, presenciaram o ataque ao quartel de La Montaña. Reunido com o grupo “Os Libertos”, Melchor ocupou o palacete do Marquês de Viana convertendo-o em albergue para os que buscavam refúgio da retaguarda republicana e dos “passeios noturnos”. Enquanto isso, os militares sublevados avançavam, matando em seu caminho todos os que se lhes

opunham. Era a guerra, um desastre que durou quase três anos com centenas de milhares de mortos. Os anarquistas enfrentariam o manejo do poder e as diferenças políticas, lutando tanto contra os comunistas como contra os franquistas, e também contra muitos “indesejáveis” que se esconderam sob as cores da CNT-FAI para matar e aterrorizar. Em 23 de novembro de 1936, Melchor foi nomeado delegado das prisões por García Oliver, com o propósito de deter os assassinatos de presos.

A terceira parte do romance começa na Madri de 1940, apresentando Melchor novamente no cárcere, numa cela que era a antesala da morte. Seria submetido duas vezes a julgamento, acusado de crimes que não cometera, inclusive o de ter assassinado Rafael Salazar Alonso, antigo ministro republicano, a quem Melchor, de fato, havia salvado da morte. O romance acompanha de modo apaixonante o segundo julgamento pelo Conselho de Guerra, ocorrido em 11 de maio de 1940. No início, ouve-se uma série de acusações falsas. Com o decorrer das horas, chegaram às mãos do advogado de Melchor muitos apelos e cartas com testemunhos que traziam um outro retrato do acusado. Melchor tomou a palavra, negou as acusações que lhe faziam e explicou ao tribunal que o podiam acusar de salvar vidas, de enfrentar a morte para salvar os presos, de arriscar a própria vida e de sobreviver a dezenove atentados durante a guerra. Insistiu em que poderia ser acusado de anarquista “eu o sou e seguirei sendo até o dia do júízo”.

Depois de um silêncio, o presidente do tribunal anunciou que alguém viria apresentar um argumento em favor do acusado. Para espanto da audiência apresentou-se um homem impecavelmente vestido dando seu nome,

Agustín Muñoz Grandes, General do Exército Espanhol e ex-secretário geral da Falange Espanhola Tradicionalista e das Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista da Espanha. Vinha “agradecer a este homem haver-me salvado a vida, colocando em jogo a sua, quando tive a desgraça de cair preso. Vim defender a verdade. Aqui trago vários apelos com mais de duas mil assinaturas que avalizam a figura de Melchor Rodríguez e se isso não for suficiente posso conseguir mais duas mil e se essas não forem suficientes poderia conseguir outras duas mil”⁵. Graças a isso, semanas depois o tribunal decidiu mudar a sentença de pena de morte para vinte anos e um dia de prisão.

Melchor Rodríguez cumpriu cinco anos de sua sentença e foi libertado. Passou tranquilo o resto de seus dias em sua casa da Calle Libertad. Escrevia sob pseudônimo artigos e análises de touradas e começou várias vezes a escrever suas memórias. Um jornalista chileno Bobby Deglané, que naquela época era um conhecido locutor de rádio a quem Melchor havia salvado durante a Guerra, organizou em 1964 uma homenagem em sua honra no Circo Price.

O Anjo Vermelho morreu num dia frio, em 14 de fevereiro de 1972, e a notícia se espalhou entre seus antigos amigos e companheiros libertários. No dia seguinte, centenas de pessoas compareceram ao enterro para se despedirem dele. Num instante de reconciliação reuniu-se ali gente de toda ideologia política: inimigos acérrimos entre si, pessoas do regime e lutadores pela liberdade.

Eduardo de Guzmán, o velho amigo de Melchor pegou a bandeira vermelho e negra e colocou sobre o caixão. Foi, dizem-nos os autores, “uma pequena vitória”, pois Melchor foi o único que naquele tempo foi enterrado com

o anjo anarquista

a bandeira anarquista e escutou-se cada vez mais forte o hino anarquista cujo verso mais representativo é

“O bem mais precioso é a liberdade”

Em 7 de Julho de 2009, a Secretaría Geral de Instituições Penitenciárias (Ministério do Interior) inaugurou, na localidade de Alcalá de Henares, um centro de inserção social com o nome de Melchor Rodríguez em honra a ele e em reconhecimento por seu trabalho em favor da inserção e ressocialização dos internos.

Tradução do espanhol por Doris Accioly e Silva.

Notas

¹ Prêmio 2017 de romance histórico Alfonso X O Sábio, convocado pelo Editorial Espasa e colaboração da Fundação Caja Castilla La Mancha.

² O que faz ou vende caldeiras.

³ A Enciclopédia taurina *El Cossío* contém uma referência a Melchor Rodríguez, citado como único *destro* (toureiro) que combinou o tourear com a política. Melchor toureou em Sanlúcar de Barrameda em 1913 e, posteriormente, em praças cada vez mais importantes até chegar a Madri. Ali sofreu um grave ferimento em agosto de 1918, retirando-se em 1920, depois de algumas corridas de touros em Viso, Salamanca e Sevilha.

⁴ O termo “braseros” é usado para designar os camponeses sem terras próprias que trabalham manualmente nas grandes propriedades privadas agrícolas (vem da palavra *braços*, porque trabalham com as mãos e os braços).

⁵ Leguina e Buren, 2017, op. cit., pp. 282-3.